

João Paulo Rodrigues Balula

MORA MORTIS

OS CAMINHOS DO SOFRIMENTO

E DA LIBERDADE

NAS *TROADES* DE SÉNECA

Dissertação de Mestrado em
Literaturas Clássicas, apresentada à
Faculdade de Letras da Universidade
de Coimbra.

COIMBRA

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

1994

P ó r t i c o

*Esta tentativa de interpretação das **Troades** de Séneca desenvolve-se em três momentos: síntese comentada da peça, estudo dos vencedores e estudo dos vencidos. Deliberadamente se omite, quase sempre, a apreciação de questões relativas às fontes, em particular o paralelo com as tragédias de Eurípides, por se entender que este assunto já foi tratado exhaustivamente em outros autores. Omitem-se ainda, no tratamento dos vencedores, as figuras de Taltíbio, do Mensageiro e de Calcas, porquanto a sua aparição, mais ou menos fugaz, não consente um juízo aprofundado das atitudes assumidas: Taltíbio caracteriza-se pela credulidade, o Mensageiro pela participação nos sofrimentos descritos, Calcas pelo carácter inexorável dos oráculos que transmite; no tratamento dos vencidos omitem-se o Ancião, que funciona como uma espécie de **alter ego** de Andrómaca apreensiva, e o Coro que tem importância desigual nas suas intervenções e cujos sentimentos mais significativos se expõem no capítulo de abertura.*

Para este trabalho foi imprescindível o incentivo e a orientação que, desde a primeira hora, encontrámos no Prof. Doutor Walter de Medeiros, o apoio e a compreensão dos familiares, amigos e colegas de trabalho. A todos, a minha gratidão.

IV

MORA MARIS / MORA MORTIS

*Repetite celeri maria, captivae, gradu:
iam uela puppis laxat et classis mouet.*²⁸⁸

Este é o momento por que todos esperam. Já não há impedimentos religiosos nem impedimentos políticos para que os barcos partam. Aquiles recebeu como homenagem o sangue de Políxena e não há possibilidade de aparecer um novo Heitor que ressuscite a glória de Tróia. Os barcos estão prontos e os Aqueus vão partir com prisioneiros e despojos. Por estranho que pareça, é um momento de união entre vencidos e vencedores.

A *mora* está no centro dessa união e torna o drama dos vencedores semelhante ao drama dos vencidos. Para os vencedores, é a *mora maris* que termina e a *mora mortis* que começa; para os vencidos, a *mora mortis* começou com a queda de Tróia e a *mora maris* agravou o seu sofrimento.

Numa altura em que os vencedores se deviam sentir felizes, pois chegou o momento ansiado por que lutaram durante dez anos, o regresso vitorioso ao lar, experimentam o sabor amargo do triunfo. A *mora maris* impôs-lhes novas crueldades que lhes retiram o mérito da vitória alcançada.

²⁸⁸ *Tro.*, 1178-1179: «Dirijam-se para o mar, cativas, com passo rápido. Já os navios soltam as velas e a armada se põe em movimento.»

Pirro luta para ver reconhecido o seu mérito e lembrado o seu pai Aquiles. Tal como no passado próximo, também no presente assume o seu carácter violento e sanguinário: ameaça Agamémnon, arrebatou e executou Políxena. Mas não fica insensível à coragem da donzela.

Agamémnon tenta evitar novas violências, mas acaba por ceder e transferir para Calcas a decisão final. Ao aceitar a derrota dos seus bons propósitos, provoca o desencadear da tragédia para Troianos e Aqueus.

Ulisses faz tudo para pôr termo ao seu drama, que é o drama do exército aqueu - o risco de um novo Heitor -, mas não consegue cumprir integralmente a sua missão. Vê Astíanax antecipar-se à execução que ao chefe aqueu competia e não esconde a sua admiração pelo destemor da criança.

Helena, imagem da hipocrisia, a figura mais vil, está ao serviço dos vencedores, mas mostra-se insegura da sua sorte. E, ao preparar Políxena para o sacrifício, contribui também para que a *mora maris* chegue ao seu termo.

Para os vencidos, cada dia é *mora mortis*.

A morte era a única libertação que restava a Hécuba. Previu a desgraça da sua cidade, assistiu à sua consumação, buscou a morte, esteve à sua beira e não conseguiu atraí-la. Entretanto, vê desaparecerem aqueles que mais amava. No passado assistiu à morte de Heitor, à morte dos restantes filhos varões e à morte de Príamo. Agora assiste à morte das últimas esperanças: Astíanax e Políxena. Mas nem o inimigo nem o incêndio de Tróia puderam aniquilar o corpo de Hécuba. Aquela que abre e fecha a peça promete ainda ser companheira da desgraça futura dos Aqueus.

Andrómaca, que, com a morte do marido, quase perdera as razões de viver, perde agora, com a morte do filho, a última esperança e deixa de se opor à sorte inexorável. Contudo, o seu papel é fundamental ao defrontar, no centro da peça, o dilema mais profundo: a opção entre a fidelidade à memória do marido e a

fidelidade ao amor filial. A dilaceração da sua alma é um dos momentos mais altos da tragédia.

Mais tarde, Andrómaca substitui Hécuba no *agôn* com Helena sobre a sorte de Políxena. Mas todas as causas que defende são perdidas. Restam-lhe apenas, como conforto, a honra e a nobreza com que filho e cunhada enfrentam a morte.

Astíanax, embora criança ainda, já sente repugnância em se esconder do inimigo. A sua actuação é coerente com os seus sentimentos. Na cena final, antecipa-se ao adversário: avança decidido para a torre fatal e dela se precipita sem a intervenção de Ulisses. Destemido como o pai, põe fim à sua *mora mortis* e assume a grandeza e o orgulho do povo de Tróia.

À imagem de Astíanax, também Políxena tem uma morte gloriosa. Na última batalha simbólica entre Aqueus e Troianos, enfrenta a sombra de Aquiles.

A heroicidade destes dois jovens preserva-os da escravidão como vencidos, resgata a honra de Tróia e ofusca a vitória dos Aqueus

A *mora maris* e a *mora mortis* unem assim vencedores e vencidos num mesmo sofrimento. Aos vencidos é concedida a libertação de todas as angústias e esperanças. Aos vencedores é acrescentada a dúvida acerca do sucesso da viagem. A partida dos barcos não é mais que a transferência da *mora mortis* dos vencidos, que já conquistaram a sua vitória, para os vencedores, que vêm a *mora maris* transformada em *mora mortis*.

A *mora* constitui, assim, para vencidos e vencedores, o mecanismo fundamental da peça. O homem é um ser adiado. A vida, prolongada no sofrimento, torna-se um impedimento da libertação. Por isso as cativas — que dão o nome à peça — estão, desde há muito, preparadas para morrer.

ÍNDICE GERAL

<i>P ó r t i c o</i>	2
I . OS CAMINHOS DO SOFRIMENTO.....	3
1. O lamento de Hécuba e do Coro	3
2. O anúncio de Taltíbio: exigência do sacrifício de Políxena.....	7
3. O <i>agôn</i> Pirro / Agamémnon	9
4. A resposta de Calcas: exigência dos sacrifícios de Políxena e de Astíanax	11
5. O desespero do Coro	12
6. O sonho de Andrómaca e a tentativa de salvação do filho.....	13
7. O confronto entre Ulisses e Andrómaca.....	16
8. A despedida de Andrómaca e Astíanax.....	20
9. O <i>agôn</i> Helena / Andrómaca e a reacção de Hécuba	22
10. A narração do Mensageiro: sacrifícios de Astíanax e de Políxena	24
11. O lamento final de Hécuba.....	26
II . O DRAMA DOS VENCEDORES.....	28
1. Pirro: o sangue derramado.....	28
2. Agamémnon: o vencedor vencido	34
3. Ulisses: o temor de uma ressurreição	41
* O fantasma vitorioso de Aquiles.....	47
4. Helena: a perfídia de uma mensagem.....	49
III . O DRAMA DOS VENCIDOS.....	54
1. Hécuba: testemunho e profecia da ruína	54
2. Andrómaca: a tortura da esposa e da mãe	59
* O espectro derrotado de Heitor.....	65
3. Astíanax: uma esperança condenada	67
4. Políxena: a última batalha	72
IV . <i>MORA MARIS / MORA MORTIS</i>	77
BIBLIOGRAFIA	80
ÍNDICE DE PERSONAGENS	84